

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Primeira e Segunda Safra

A colheita da 1ª safra de feijão avança e, no levantamento efetuado pelos técnicos do Deral/Seab, cerca de 86% da área total estimada foi colhida. Aproximadamente 133 mil toneladas foram comercializadas, o que representa 52% do volume esperado. Do feijão que ainda se encontra no solo, 13% está em frutificação e 87% em maturação. O que chama a atenção são as condições das áreas ainda não colhidas, pois apenas 27% das lavouras se encontram em boas condições.

A segunda safra, ou safra da seca, apresenta 32% do total de 237,3 mil hectares previstos já plantados. As lavouras se encontram na fase de germinação (54%) e desenvolvimento vegetativo (46%).

O mercado brasileiro de feijão é abastecido pelos produtos provenientes dos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais. O setor passa por incertezas. Por um lado, tem-se o aumento da oferta da safra das águas e, por outro, uma leve e gradativa queda na demanda (Conab).

FRUTICULTURA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

A comercialização de frutas nas cinco unidades das Centrais de Abastecimento do Estado do Paraná - Ceasas/PR, em 2020, foi de 575,5 mil toneladas, girando R\$ 1,6 bilhão em negociações financeiras.

Mesmo com o advento da pandemia, a movimentação de cargas foi efetiva, sendo sistematicamente decrescentes os volumes transacionados de frutas no primeiro semestre, avançando até meados de agosto. Característica natural, pois a demanda de frutas diminui no outono/inverno, ascendendo a partir de setembro até o final do ano.

Os volumes mensais variaram entre 39,9 mil toneladas em agosto e 56,4 mil toneladas em dezembro, tendo os valores das trocas gravitados entre R\$ 101,4 milhões em maio e R\$ 184,5 milhões no mês de dezembro.

Dentre as cinco unidades atacadistas, a de Curitiba, com 378,9 mil toneladas vendidas e receitas de R\$ 1,0 bilhão, respondeu por 65,8% e 64,6%, das quantidades e dos numerários negociados, respectivamente. Londrina é a segunda praça em volumes e valores, com 99,9 mil

Boletim Semanal* – 06/2021 – 12 de fevereiro de 2021

toneladas e R\$ 279,7 milhões, e participação de 17,4% e 17,7%. Foz do Iguaçu, Maringá e Cascavel contribuem com 7,6%, 5,9% e 3,2% das toneladas e 9,2%, 4,9% e 3,7% do dinheiro circulado.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Na última semana as chuvas cessaram em todas as regiões produtoras de mandioca do nosso estado. Com a melhora do tempo, a colheita foi parcialmente retomada, assim como os demais trabalhos no campo.

Mesmo com maior oferta de matéria-prima, a demanda das fecularias e farinhas precisou ser complementada com o produto vindo de regiões mais distantes, como São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Na verdade, alguns produtores ainda se ocupam com o plantio de milho e do feijão, culturas que são implantadas nesta época do ano. A colheita mais expressiva deverá ocorrer a partir de março e, com isso, espera-se que a ociosidade industrial instalada seja reduzida, uma vez que nos primeiros dias de fevereiro ainda supera 60%.

Considerando-se que a oferta de mandioca ficou abaixo da necessidade industrial durante o mês de janeiro e início de fevereiro, os preços se mantiveram firmes em todos os segmentos da comercialização. Na última semana, entre os dias 1.º e 5 de fevereiro, o produtor recebeu, em média, R\$ 408,00 a tonelada de mandioca posta na indústria, contra R\$ 394,00/t durante o mês de janeiro, ou seja, cerca de 3,6% de aumento.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

Primeira safra de Milho 2020/21

A colheita da primeira safra de milho 2020/21 começou. O relatório divulgado na terça-feira desta semana (09/02/21) apontou que já foram colhidos no Estado aproximadamente 35 mil hectares, que representam 10% da área total estimada para esta safra, que é de 359 mil hectares.

A produtividade média obtida até o momento gira em torno de 9 mil quilos por hectare, representando uma redução de 6,5% comparado à expectativa média inicial, que era de 9,6 mil quilos por hectare.

A colheita, neste momento, está concentrada no Núcleo Regional de Ponta

Boletim Semanal* – 06/2021 – 12 de fevereiro de 2021

Grossa, onde se atingiu 35% de sua área, que é de 68 mil hectares.

As condições de clima favoráveis desde segunda-feira em praticamente todo Estado devem contribuir para um avanço consistente da colheita, e isto deve refletir nos números da próxima semana. Nesta condição, devemos ter também um avanço do plantio do milho segunda safra, que está ganhando ritmo a partir desta semana.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

O último levantamento de plantio e colheita aponta que, dos 5,57 milhões de hectares semeados, aproximadamente 76% encontram-se em condições boas, 19% estão em condições médias e cerca de 5%, em condições consideradas ruins. Em comparação com a informação da semana anterior, observa-se uma piora nas condições das lavouras.

Após um janeiro extremamente úmido em todas as regiões do Estado, os primeiros dias de fevereiro proporcionaram condições para os produtores retomarem os trabalhos. Os agricultores estão realizando os manejos necessários, assim como avaliando as condições das lavouras como um todo. A expectativa é que a

colheita, que se encontra atrasada no Estado, possa ganhar um ritmo intenso nas próximas semanas, pois, além da necessidade de se colher a soja, boa parte dos produtores se preocupa com o plantio de milho de 2ª safra.

Segunda safra de Soja 2020/21

Nesta semana, o plantio da soja de segunda safra alcançou 86% da área estimada. Por se tratar de uma área menor, os trabalhos devem ser encerrados nos próximos dias.

Das lavouras já semeadas, cerca de 94% estão em condições consideradas boas e o restante, 6%, encontra-se em condições consideradas médias.

OLERICULTURA

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Tomate 1ª e 2ª safra 2020/21

O Paraná cultiva duas safras de tomate; a primeira é conhecida como a safra das águas, com plantios que vão de agosto a março. A segunda, chamada de safra da seca, é semeada nos meses de dezembro a agosto. Em relação à primeira, o atual ciclo está com área estimada em 2,3 mil hectares, redução em 1% em relação à safra anterior. A colheita deve

Boletim Semanal* – 06/2021 – 12 de fevereiro de 2021

alcançar 133,7 mil toneladas, volume 2% menor ao registrado no período anterior. A última estimativa indica que 98% da área foi plantada, e a colheita atinge 62% do total. As áreas colhidas apresentam uma leve redução na produtividade, na ordem de 4%.

Os agricultores comercializaram 86 mil toneladas do fruto, o que representa 65% do volume total estimado. Do tomate que ainda se encontra no solo, 19% está na fase de desenvolvimento vegetativo, 13% em floração, 30% em frutificação e 38% em maturação. As áreas ainda não colhidas se encontram em condições boas (83%), médias (16%) e ruins (1%).

A área da segunda safra 2020/21, apresenta uma extensão 5% menor em comparação com a safra 2019/20. A expectativa é que sejam colhidas 82 mil toneladas, o que elevaria em 1% a produção comparativamente ao ciclo anterior. Cerca de 205 hectares foram semeados até este momento, o que representa 16% da área total estimada.

Conforme dados do Deral/Seab, os preços médios recebidos em janeiro de 2021 pelos produtores paranaenses de tomate foi de R\$ 67,28/saca de 23 kg, aumento de 34% com relação à cotação de

janeiro de 2020. Nos últimos três meses (novembro/20, dezembro/20 e janeiro/21), os preços recebidos apresentaram uma tendência de alta, devido ao impacto do clima: estiagem em 2020 e excesso de chuvas em janeiro último. No comparativo entre janeiro de 2020 e o mesmo mês em 2021, o mercado apresentou alta de 127% nos preços recebidos pelo agricultor para a saca de 23 kg.

AVICULTURA

* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

Custo de produção de frango de corte tem queda de 2,51% em dezembro

Em dezembro de 2020, o preço do milho no Paraná, no atacado, caiu cerca de 5,4%, considerando novembro (R\$ 75,54/sc 60 kg), mas esteve 68,7% maior em relação a dezembro de 2019 (R\$ 42,36/sc 60 kg).

Já para o farelo de soja (atacado) também houve retração, um pouco menor, de 3,4%, partindo de 2.926,01/tonelada (preço médio: novembro/2020) para dezembro (R\$ 2.827,41/tonelada). Porém, considerando dezembro de 2019, o preço quase dobrou, um crescimento de 94,6% (R\$ 1.453,24/ tonelada).

Boletim Semanal* – 06/2021 – 12 de fevereiro de 2021

Ou seja, os avicultores, em 2020, conviveram com preços de insumos em elevação e, por consequência, custos de produção também.

No Paraná, principal criador e exportador de carne de frango, referência nos cálculos para a Embrapa CNPSA, o custo de produção de 1 kg de frango de corte chegou a R\$ 4,35/kg em dezembro de 2020, redução de 2,68% em relação ao valor de R\$ 4,47/kg de novembro.

Em dezembro, no Paraná, no caso da alimentação das aves, custou R\$ 3,21/kg, resultado de uma retração de 2,43% em relação a novembro, cujo valor foi de R\$ 3,29/kg, representando 73,79% do total de gastos com a avicultura de corte.

O custo com a nutrição dos frangos subiu 54,33% no ano de 2020 (janeiro: R\$ 2,08/kg e dezembro: R\$ 3,32/kg).

De janeiro (R\$ 3,01/kg) a dezembro (R\$ 4,35/kg) do ano corrente, o custo de produção subiu 44,52%.

No mesmo período, o preço médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, cresceu 34,5%, situando-se em dezembro de 2020 no valor de R\$ 4,60/kg (janeiro:

R\$ 3,42/kg). Já em relação ao mês de novembro (R\$ 4,45/kg), a alta foi de 3,4%.

A Embrapa Suínos e Aves divulgou o Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) referente a dezembro, quando o índice ficou em 336,88 pontos, uma queda de 2,51% em relação a novembro (345,57 pontos), alta de 44,55% desde janeiro (233,05 pontos) e de 38,943% nos últimos 12 meses.

OVOS

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Preços de ovos oscilaram e custos de produção aumentam

Preços ao Produtor

- 2,0% no mês: Em janeiro de 2021, o preço médio do ovo tipo grande, caixa de 30 dúzias, no Paraná, atingiu R\$ 110,34, 2% abaixo daquele praticado em dezembro de 2020 (R\$ 112,59/cx 30 dúzias). Considerando o mês de janeiro de 2020 (R\$ 79,88/caixa de 30 dúzias), esteve 38,13% maior.

Preços no Atacado

- 6,4% no mês: Em janeiro de 2021, o preço do ovo tipo grande foi de R\$ 101,36/ cx de 30 dúzias, 6,4% menor

Boletim Semanal* – 06/2021 – 12 de fevereiro de 2021

que o de dezembro do ano anterior (R\$ 108,28/cx 30 dúzias). Entretanto, em relação a igual mês de 2020, esteve 23,2% maior.

Preços no Varejo

+10,2% no mês: Em janeiro de 2021, o preço médio estadual da dúzia de ovos tipo grande, no varejo, atingiu o valor de R\$ 5,60/dúzia, 10,2% maior que o praticado em dezembro (R\$ 5,08/dúzia).

Essa oscilação de preços explica-se pelo desempenho do mercado consumidor: as vendas no varejo caíram 6,1% em dezembro, na comparação com o mês de novembro, quando houve queda de 0,1% em relação a outubro. Essa foi a queda mais intensa para um mês de dezembro em toda a série histórica, iniciada em 2000. Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada no dia 10/2 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A inflação oficial brasileira, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), desacelerou para 0,25% em janeiro de 2021, após ficar em 1,35% em dezembro de 2020. Pelo indicador acumulado em 12 meses, o IPCA acelerou para 4,56% no primeiro mês de 2021, acima dos 4,52% acumulados até

dezembro de 2020. Em janeiro de 2020, o IPCA tinha sido de 0,21%.

Como nos meses anteriores, o grupo Alimentação e Bebidas foi o que registrou a maior alta de preços entre os pesquisados pelo IBGE: 1,02%. Porém, todas as nove classes de despesas usadas para cálculo do IPCA apresentaram desaceleração ou tiveram baixa na passagem de dezembro de 2020 para janeiro de 2021.

Foram observadas taxas menores de inflação em Alimentação e Bebidas (de 1,74% para 1,02%), Artigos de Residência (de 1,76% para 0,86%), Transportes (de 1,36% para 0,41%), Saúde e Cuidados Pessoais (de 0,40% para 0,32%), Despesas Pessoais (de 0,65% para 0,39%), Educação (0,48% para 0,13%) e Comunicação (de 0,99% para 0,02%). Dois grupos inverteram o sinal: Habitação (2,88% para -1,07%) e Vestuário (de 0,59% para -0,07%).

Ou seja, as altas constantes nos preços dos alimentos e bebidas e da inflação oficial têm reduzido o poder de compra dos consumidores, a grande maioria assalariados, cujos vencimentos, na maioria das vezes, sequer recompõem a inflação, freando o consumo, inclusive de

Boletim Semanal* – 06/2021 – 12 de fevereiro de 2021

alimentos e bebidas e outros itens essenciais básicos.

De outro lado, por todo o ano de 2020, os criadores de aves poedeiras (ovos comerciais) conviveram com preços instáveis (altas e baixas) e custos de produção em elevação, notadamente pela alta dos preços da alimentação das aves, cujos componentes principais são o milho e o farelo de soja.

No Paraná, de janeiro a dezembro de 2020, o preço do milho no atacado subiu 59,6%. Em janeiro de 2020, o preço do milho no atacado teve valor de R\$ 80,35/sc 60 kg, representando uma alta de 12,4% sobre o preço médio de dezembro (R\$ 71,47/sc 60 kg) e 79,5% maior sobre o valor de igual mês de 2020 (R\$ 44,74/sc 60 kg).

Com as frequentes altas nos preços dos insumos (milho e farelo de soja), o poder de compra do avicultor piorou em 2020 e continua a deteriorar-se neste início de 2021: em janeiro de 2020 precisou-se de 9,5 caixas de 30 dúzias de ovos para adquirir uma tonelada de milho, enquanto que em janeiro de 2021 essa relação aumentou 25,3% (gastou-se 11,9 caixas de 30 dúzias de ovos para comprar a mesma quantidade de milho).

O farelo de soja (atacado) teve, de janeiro a dezembro de 2020, elevação de 95,3%. Em janeiro de 2021, o preço médio estadual era de R\$ 3.179,81/tonelada, uma alta de 12,5% em relação a dezembro (R\$ 2.827,41/tonelada), mas um preço 119,6% maior que aquele praticado em igual mês de 2019 (R\$ 1.447,74/tonelada).

Agora, vislumbrando o poder de compra frente ao farelo de soja, tem-se: em janeiro de 2021 eram necessárias 28,8 caixas de ovos de 30 dúzias para adquirir uma tonelada de farelo de soja, 57,4% a mais que em janeiro de 2020 (18,3 caixas de 30 dúzias de ovos).

SUINOCULTURA

** Engenheiro Agrônomo Derli Dossa*

Em 2019, a suinocultura paranaense para corte teve um abate próximo de 10 milhões de animais, participando no VBP com R\$ 4,47 bilhões (Deral/Seab, 2019). Os principais municípios produtores do Paraná em 2019 foram: Toledo com 18% do Valor Bruto da Produção; Missal, 3,72% e Castro, com 4,7%.

Atualmente, a carne suína no Paraná é produzida com alta tecnologia, manejo e também possui certificação sanitária. A produção ocorre tanto nas

Boletim Semanal* – 06/2021 – 12 de fevereiro de 2021

pequenas como nas grandes propriedades integradas ou mesmo nas processadoras, Cooperativas, etc. A produção integrada compreende o fornecimento por parte da indústria processadora de insumos e tecnologia, bem como métodos e procedimentos de trabalho.

O sistema integrado tem o objetivo de produzir de acordo com as normas e fornecer o produto com qualidade e características solicitadas pela indústria, que, por sua vez, é responsável por processar e distribuir aos pontos de venda e, finalmente, promover o produto para o mercado consumidor com ações de marketing.

Há um grande volume de informações das Pesquisas da Embrapa Suínos e Aves que atende aos produtores, assim como dão suporte às Cooperativas de Produção.

O Brasil é 4º produtor e 4º exportador mundial de carne suína e tem potencial de, nos próximos dez anos, avançar ainda mais, mas é relevante e necessário que a assistência técnica trabalhe melhor na sanidade dos suínos e nos alimentos produzidos para atender a digestão destes animais. Conclui-se, também, que é necessário implementar um

forte protocolo em que o bem-estar dos animais esteja associado aos sistemas de produção dominantes.

Conclui-se, ainda, que o mercado de carne suína está em forte processo de alavancagem e os produtores paranaenses, assim como suas indústrias, têm espaço para participar destes avanços.

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

https://instagram.com/deral_pr

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!